



CEDI - P.L.B.
DATA 29 10 93
C- 02 D 000 36

OS PANARA DO PEIXOTO DE AZEVEDO: UM BREVE HISTORICO

STEPHEN SCHWARTZMAN
DRAFT FEI 92

O presente trabalho aborda tres temas: a historia da ocupacao dos indios Panara (ou os chamados Krenakore) da bacia do rio Peixoto de Azevedo e os antecedentes dos atuais Panara; o contato dos Panara com a sociedade nacional na regio do Peixoto de Azevedo entre 1968 e 1975; e a transferencia dos indios do Peixoto ate o Parque Indigena do Xingu em 1975 e a sua experiencia no Parque do Xingu ate o presente. Alem das fontes bibliograficas citadas adiante, o material apresentada foi recolhido em pesquisa de campo na aldeia Panara de 18 meses, entre 1980 e 1983, e duas visitas a aldeia Panara, em agosto e outubro de 1991.

Os Panara sao um grupo da familia linguistica Ge setentrional, atualmente residente numa unica aldeia no Parque Indigena do Xingu em Mato Grosso, de aproximadamente 135 pessoas. Sao mais conhecidas pelo nome Krenakore, ou Kreen-Akorore, ou Krenhakore, sendo estes variantes do nome Kayapo "Kran iakarare", 'cabeca cortada redonda' que se refere ao corte tradicional de cabelos dos Panara. A autodenominacao "Panara" significa "gente". Moram no parque do Xingu desde 1975, quando foram transferidos das suas terras originais no Rio Peixoto de Azevedo. Vivem de pesca, caça, agricultura e coleta, preservando assim grande parte da sua economia tradicional, com a innovacao de algumas ferramentas de aco e armas de fogo, mas tendo suas formas tradicionais de manejo e uso de recursos naturais modificadas e restritas pela mudanca ecologica drastica acarretada pela transferencia. A estrutura social da tribo (sistema matrilineal de quatro clas exogamicos, com lugares de residencia fixos na periferia da aldeia, regura uxorilocal de residencia apos o casamento, e metades cerimoniais ligadas as casas dos homens na praca da aldeia) bem como formas tradicionais de lideranca politica, e sistema ritual, embora sofressem rupturas bruscas durante o contato e depois da transferencia, vem sendo mantidos e recuperados pelos Panara.

I. Historia da Ocupacao dos Panara da Bacia do Rio Peixoto de Azevedo

A presenca dos Panara na regio do Peixoto de Azevedo so comeca a ser documentada a partir de 1961, quando um geografo ingles numa expedicao as cabeceiras do Rio Iriri foi morto por um grupo Panara na serra do Cachimbo (Hemming 1978; p xiii). Entretanto, entrevistas com os velhos Panara, ja adultos antes da transferencia para o Xingu em 1975, estabelecem a ocupacao do grupo no Peixoto de Azevedo pelo menos desde o inicio deste seculo. Informacoes dos Mekragnoti Kayapo, antigos inimigos dos Panara, levam ate a mesma conclusao. No entanto dados linguisticos e etno-historicos mostram que os Panara do Peixoto de Azevedo sao os ultimos descendentes de um grupo bastante maior e mais conhecido pelos cronistas--os chamados "Cayapo do Sul".

Os Panara ocupam o Rio Peixoto de Azevedo no minimo desde o inicio do seculo vinte. Esta data e fixada por duas fontes. Velhos Panara contam que o inicio da guerra entre Panara e Kayapo se deu na juventude dos seus avos. Trata de um incidente especifico, quando duas mulheres de um grupo numa expedicao de cacaca e pesca no Rio Iriri (parintawnhoko, na lingua Panara) estavam tomando banho e se deram conta da presenca de homens Kayapo por perto. Os Kayapo teriam atacado, e matado uma mulher, depois do qual os Panara reagiram, flechando uns Kayapo. O incidente foi confirmando independentemente por Kayapo da antiga aldeia Kretire, com a diferenca que o informante Kayapo atribuiu o primeiro ataque aos Panara. O Gustaaf Verswijver, autor do mais detalhado trabalho etno-historico sobre os Kayapo (e muito provavelmente o mais extenso trabalho etnohistorico sobre qualquer grupo indigena da Amazonia), data o inicio do conflito em 1921. (Verswijver 1985: 270).

Yurupari reconta que foi em 1920 que os Mekragnoti perceberam a presença dos Panara ao oeste das suas terras (entre os rios Jarina e Iriri Novo). Mandaram homens para reconhecer o terreno e em 1921 atacaram. Um ano depois os Panara se vingaram, surpreendendo os Mekragnoti, que fugiram para o Rio Curua. Entre 1921 e 1968, os Mekragnoti atacaram tres vezes, e os Panara seis vezes. Em varios momentos os Mekragnoti mudaram as suas aldeias com medo de represalias dos Panara, por vezes a grandes distancias (Ibid. 270).

E notavel que enquanto as duas historias do inicio do conflito diferam entre si (mas nao se contradizem), a data aproximada do comeco da guerra e a mesma. Portanto, e provavel que os Panara habitavam a regio do Rio Peixoto por tempo indeterminado antes de 1920, mas uma ocupacao mais recente e excluida.

Indios Kajabi do Teles Pires no inicio da decada de 50 reportaram conflitos com indios que moravam ao leste, e usavam bordunas (Heelas 1979: 04). Segundo os Kajabi, os Panara teriam atacado uma aldeia Kajabi em 1949 (Marcopito 1979: 37).

Documentacao historica da presença dos Panara na area antes de 1968 e parca por motivos muito simples. A regio do rio Peixoto de Azevedo (afluente da margem direita do Rio Sao Manoel ou Teles Pires, cuja foz se localiza aproximadamente as 10° 05' S, e 55° 30') permaneceu extremamente isolada ate depois da segunda guerra mundial. Comunicacao e transporte entre Cuiaba e o rio Tapajos passava pelo rio Arinos, ao oeste do Teles Pires, deixando este no isolamento. Somente em 1819 que o primeiro branco--Antonio Peixoto de Azevedo--documentou a sua descida do Sao Manoel, ou Teles Pires, ou Paranatinga, como era chamado na epoca, das cabeceiras ate a boca no Tapajos (Peixoto de Azevedo, 1885). Peixoto de Azevedo observou a presença de toras grandes nas beiradas, da boca do Rio Verde para 11 leguas rio abaixo, utilizadas por indios desacostumados com canoas para atravessar o rio. Segundo os Mundurucu que o acompanhava, esses eram seus

inimigos. Este relato não seria inconsistente com a presença dos Panara, que não faziam canoas. O francês Henri Coudreau subiu o rio Paranatinga (ou Teles Pires, ou São Manoel) em 1896, mas só até Sete Quedas, bem abaixo da boca do Peixoto de Azevedo. Também segundo os Mundurucu, o São Manoel acima da cachoeira das Sete Quedas era terra dos "índios bravos" (Coudreau 1976 [1897]: 83), mas as informações sobre esses grupos são vagas.

Os Panara recontam que encontraram e mataram brancos em pelo menos três momentos na memória recente (desde mais ou menos 1945). Dois desses seriam provavelmente encontros com seringueiros na margem direita do Teles Pires (Cowell 1973), e o terceiro, e mais recente, a morte do Richard Mason (ve abaixo).

Seria somente a partir da abertura da base das Forças Aeras Brasileiras na serra do Cachimbo, em 1951, pela expedição Roncador-Xingu da Fundação Brasil Central, que contatos documentados entre os Panara e a sociedade envolvente ocorreriam. Os irmãos Villas Boas, funcionários da Fundação Brasil Central na época, dizem ter visto oito aldeias de índios isolados na região do Peixoto do ar em 1950, que depois identificaram como aldeias Panara (Davis, 1977: 69). Acharam que devido o isolamento da região, não havia necessidade de montar expedição de contato naquela época (Ibid.)

O primeiro incidente que noticiou mas amplamente a presença dos Panara foi a morte do geógrafo inglês Richard Mason em 1961. Mason, integrante da expedição conjunta do IBGE/Royal Geographical Society as cabeceiras do Rio Iriri, caminhava na picada que a expedição abria entre a base do Cachimbo e seu encampamento quando foi flechado pelos Panara. As flechas e bordunas deixados pelos índios foram identificados pelos Mekragnoti Kayapo como os dos seus tradicionais inimigos, os "Krenakore", ou Panara. Em outubro de 1991, um velho Panara, Kokriti, contou que quando era adolescente tinha acompanhado o grupo de homens

que matou o Mason. Segundo o informante, um grupo da aldeia Sonkanasan (a mais setentrional das aldeias Panara) tinham ido para Cachimbo em busca de facas e machados de aço, prezados por eles para o trabalho na roca. Encontraram a picada da expedição (o "caminho dos brancos") e esperaram. Um branco, loiro de pele claro, veio andando so, e varios homens o flecharam. Checaram a ropa e pertences do defunto, virando inclusive papeis que ele carregava, mas nao acharam facas. Deixaram suas armas com o corpo, conforme costume, e saíram. Passando alguns dias, voltaram para o redor da base do Cachimbo e encontraram facoes, que levaram para a aldeia. E para supor que os soldados deixaram facoes para os Panara numa tentativa truncada de pacifica-los.

A presença dos Panara nas vizinhanças da Base do Cachimbo se destacou em 1967, quando um grupo de homens chegou na pista de pouso e foi avistado pelo destacamento militar ali instalado. Segundo varios homens que foram na ocasião os Panara voltaram novamente buscando facas de metal, bem como para ver mais de perto os avioes que eles tinham vistos sobrevoando. Um grupo de homens apareceu na pista de pouso, provocando susto no comandante do destacamento. Os soldados abriram fogo, e coincidentemente, passaram radio para um aviao que chegava, para que descesse em cima dos indios. Os Panara se retiraram assustados, deixando arcos e flechas na pista, e com pelo menos um homem ferido a bala. Em seguida um grupo de cacas da aeronautica sobrevoaram os redores buscando aldeias, aparentemente sem exito (Davis 1977: 69). Os soldados da base em seguida deixaram facoes para os indios (Meirelles 1979: 59). Mesmo assim, os Panara concluíram que os brancos eram extremamente ferozes e perigosos.

- Populacao e localizacao em 1968 -

Para ponderar o impacto do contato nos Panara será importante descrever a situação deles em 1968, quando o contato permanente começa com o primeiro ataque dos Mekranoti Kayapo com armas de fogo. Existiam oito aldeias em 1968, com uma

populacao total entre aproximadamente 550 e 625 pessoas. O Heelas, antropologo ingles que morou com os Panara entre 1975 e 1977 alista sete aldeias (Heelas 1979: 08), mas dois desses sae uma mesma aldeia com seu nome escrito de formas diferentes. No resto, o listo do Heelas bem como a sua localizacao das aldeias, concorda bem com o mapa feito por Fiorello Parisi na epoca do contato e com o mapeamento feito por mim em 1991. Segue a localizacao aproximada das aldeias Panara em 1968, e datas aproximadas da ocupacao e numero de casas de algumas das aldeias.¹

Sonkanasan - Esta foi a aldeia mais para o nordeste, ficando entre as cabeceiras do Rib. Peixotinho Primeiro (chamado pelos Panara "Nampia'ayonti") e as cabeceiras do Rio Iriri (ou Parintawnhokori), aproximadamente 54' 33" oeste e 9' 39" sul. Tinha em 1968 pelo menos 6 casas. Data de 1945, aproximadamente.

Sonsenasan - A aldeia mais para o leste, perto do Rib. Peixotinho Segundo (Tutumaperi) as 54' 20" oeste, e 10' 15" sul aproximadamente, tendo 7 casas em 1968. Foi fundada em 1950 por um pessoal da aldeia Krekyekye, (na margem esquerda no medio do curso do Rib. Peixotinho), que foi abandonada na epoca.

Yopuyupaw - A aldeia mas para o sudoeste, ao lado sul do Rio Peixoto do Azevedo, as aproximadamente 55' 20" oeste e 10' 25" sul, perto do Rio Braco Dois. Data

¹ As datas representam um tempo minimo de ocupacao das aldeias, visto que sao derivados de entrevistas com velhos perguntando onde eles residiam quando passaram ritos de iniciacao (perfuracao das orelhas e labio inferior, e cicatrizacao das coxas, peito e costas). As idades dos informantes na epoca dos ritos foram calculados por comparacao com meninos ou jovens aldeia. O Richard Heelas tambem apresenta datas de ocupacao para aldeias (as quais concordam com meus calculos), e deveria ter usado uma metodologia parecida. As datas, porem, nao necessariamente representam ocupacao continua do mesmo local, por dois motivos. Primeiro, em alguns casos aldeias sao reconstruidas perto do mesmo lugar com o mesmo nome, e segundo, parece que algumas aldeias foram abandonadas durante tempo indeterminado depois sendo reocupadas.

de 1945.
Yopuintonhoinko - Aldeia perto de Yopuyupaw, no lado sul do Rio Peixoto, ocupada em 1955.

Petsuperi - A aldeia mas para o noroeste, as 9' 49" S e 55' 14" oeste, perto da margem leste do Rio Nhandu (ou Pinkasarnhonko). Tinha cinco casas em 1968, e data de mais ou menos 1945.

Kyaunakye - Uma aldeia mas ou menos no latitude do Petsuperi, entre o Rio Braco Sul e o Peixotinho Primeiro. Tinha cinco casas em 1968, datando de 1940.

Inkuipo - Uma aldeia perto da margem oeste do Peixotinho Primeiro, ao sul dos 10' S, tendo onze casas em 1968, foi ocupada em mais ou menos 1950.

Supusaraperi - Uma aldeia do lado sul do Rio Peixoto, na segunda afluyente subindo o rio na margem oeste. Existia na epoca do contato.

Inkasan - Entre o Rib. Peixotinho e o Rio Peixoto, perto da boca do Peixotinho. Estava ocupada em 1940, mas foi abandonada antes de 1968.

Outras aldeias que existam na mesma epoca, cuja localizacao e mais vaga sao Kutinsiperi e Periwasan. A listagem em cima nao inclui a aldeia de Topayuron, perto do qual o primeiro contato foi feito pelo Claudio Villas Boas, por que essa aldeia foi construida apos 1970, enquanto os Panara se retiravam diante da frente de atricao, como foi tambem o caso de Pinkasarnhonko.

Vale ressaltar que, embora nenhum mapeamento em sitio fosse feito de todas as aldeias na epoca do contato, as fontes existentes sao basicamente consistentes

com essa abordagem (Cowell 1973: 127; Heelas 1979: 8-9; Parisi 1975).

Foram as seis aldeias descritas, os Panara guardam lembrança de varias outras aldeias anteriores, ja abandonadas em 1968 quando os Kayapo atacaram a ultima vez--Krekyekye, Sankonakye, Napia'ayonti, Noranhonko, e Ko'ti. Sankonakye foi habitada em mais ou menos 1936. Algumas eram habitadas na vida de pessoas ainda vivas, sendo abandonadas para fundar novas aldeias, e outras sao mais antigas.

A ocupacao da regioao nao se limitou aos lugares das aldeias. A economia tradicional dos Panara baseou-se numa exploracao extensa, porem ecologicamente equilibrada, dos recursos naturais. O sistema ceremonial ordenou longas expedicoes de caça, com grupos de homens andando por semanas na floresta cacando e moqueando carne para trazer para a aldeia. Foi comun na estacao seca a dispersao das aldeias em grupos menores que foram pescar, cacar ou buscar frutas, encampando na floresta. A coleta de taquara para fabricar flechas tambem foi feito por grupos grandes, caminhando muitos dias na floresta. O primeiro encontro dos Panara com os Kayapo foi numa das frequentes expedicoes no sentido norte da aldeia Sonkanasan, para pescar e colher concha de moluscos, utilizada para fazer enfeites. A safra da castanha foi motivo para deslocamentos regulares de grandes grupos. Todas as aldeias, inclusive sitios de antigos aldeias, foram ligados entre si por extensas redes de caminhos. Narrativas da vida de todos os informantes mostram um contato e intercambio constante entre as aldeias, de casamentos, vistas, circulacao de informacoes. E evidente que toda a bacia do Peixoto de Azevedo era tradicionalmente ocupada pelos Panara, e que a area antiga de perambulacao, para caça, pesca, coleta, e obtencao de materia prima para artesanato e fabricacao de ferramentas basicas, extrapolou a bacia.

Os Panara mais velhos guardam ate hoje, dezesesseis anos apos a transferencia para

o Xingu (durante qual tempo nao tiveram oportunidade de voltar a area), um conhecimento vivo dos acidentes geograficos da regio. A Carta Internacional do Mundo ao Milionesimo, folha Juruena, de 1:1.000.000. do IBGE, registra cinco pequenos correjos na margem direita do Rio Peixoto entre a rodovia 163 e o Rio Braco Norte. Os Panara que visitaram o Peixoto em outubro de 1991 imediatamente conheceram todos os cinco por nomes Panaras, sendo que ate os mapas mas detalhadas existentes nao indicam nome Portugues de nenhuma, por serem pequenos.

Antecedentes Historicos dos Panara do Peixoto de Azevedo

Pesquisa linguistica e etnohistorica revela que os atuais Panara sao os ultimos descendentes de um grupo bem mais conhecido aos cronistas dos seculos 19 e 18: os chamados "Cayapo do Sul", tidos como desaparecidos no inicio do seculo em curso (Lowie 1963: 319). A prova central esta em duas listas de palavras recolhidas por Auguste Saint-Hilaire e Johann Emanuel Pohl em viagens ao Brasil central em meados do seculo passado, no aldeamento de Sao Jose de Mossamedes na provincia de Goias. Tao grande e o grau de correspondencia entre essas listas e a lingua Panara que outra hipotese senao a da identidade dos Panara e Cayapo do Sul e praticamente excluida. O primeiro de reconhecer esse fato foi o antropologo Richard Heelas (1979: 4, 353-354), e a minha reanalise dos dados confirma a descoberta do Heelas (Schwartzman 1988: 281-186, 460-464). A mais cuidadosa das duas listas, a do Saint Hilaire, contem 33 palavras, dos quais 27 sao aparentemente Panara (Ibid.). Por exemplo na lista do Saint Hilaire, a palavra Cayapo para "indio" e dado como "panaria", obviamente o equivalente do "Panara" (gente), ou "olho" e dado como "into", no Panara "into", ou "braco" no Cayapo e "ipa", e no Panara "i'pa". (ve anexo 1)

Alem dos dados linguisticos, as poucas informacoes culturais nas fontes existentes--descricao das flechas dos Cayapo do Sul, uma pratica tradicional de

trabalhos, da cestaria são consistentes com os dados linguísticos. Tudo indica que os Panara são de fato os últimos descendentes dos Cayapo do Sul, grupo que habitava desde o Rio Parnaíba em São Paulo até Goiás e Mato Grosso. Esse fato é relevante para entender eventos centrais do contato.

II. O Contato

O contato permanente dos Panara com a sociedade envolvente começou indiretamente em 1968, quando os Mekranoti Kayapo atacaram pela primeira vez com quantidade significativa de armas de fogo obtidas dos brancos. (Os Mekranoti usaram armas contra os Panara ao longo da guerra. Em 1968 fizeram questão de juntar o maior número possível de armas e munição, inclusive obtendo munição do missionário que morava com eles (Verswijver 1985: 275). Mataram pelo menos doze pessoas na aldeia Sonkanasan, localizada entre as cabeceiras do Rio Irivi e os formantes do Rio Peixotinho Primeiro, e queimaram a aldeia. (O Heelas afirma que 27 pessoas foram mortas (1979: 11). Os Panara tentaram reagir a flecha, sem sucesso. No contexto da guerra tradicional indígena foi um massacre grande. Os Panara da aldeia Sonkanasan fugiram para outra aldeia, Sonsenasen, onde um grupo de homens saiu atrás dos Kayapo. Não os encontraram.

O Claudio e Orlando Villas Boas souberam do ataque através dos Kayapo, e começaram a montar uma expedição de contato. Sobrevoaram a área indicada pelos Mekranoti, e localizaram a aldeia queimada, Sonkanasan. Na sequência, localizaram outras aldeias e chegaram a jogar brindes de avião. Ainda em 1968 conseguiram cortar picada do Rio Manitsaua Missu, no parque do Xingu, até o Peixoto de Azevedo. Encontraram uma outra aldeia, já abandonada (Sonsenasen), mas não lograram fazer o contato. No outro ano, apoio financeiro para o contato foi retirado, e tiveram que desistir, apesar dos já adiantados planos para a abertura da rodovia Cuiabá-Santarém que iria cortar o centro do território tradicional

dos Panara. A tentativa de fazer contato so seria retomado em 1972, com a expedicao de contato avancando paralelamente com os topografos abrindo o tracado da estrada.

Sucederam grandes transtornos entre os Panara apos 1968. Os Panara foram se retirando diante dos frentes de atracao, inicialmente no sentido oeste, e depois de 1971 para o sul, se juntando nas aldeias ainda nao localizados do ar.

Os informantes descrevem claramente esse processo de varias aldeias se juntarem nas lugares mais distantes das frentes de atracao, embora narrativas pessoais mais detalhadas demonstram uma circulacao de pessoas, familias e pequenos grupos de familias mais complexa do que a trajetoria global do grupo, descrita em resumo a seguir.

Apos o ataque dos Kayapo na estacao chuvosa de 1968, os residentes da aldeia destruida se deslocaram para o sul, para a aldeia Sonsenasan, onde plantaram roca. Na estacao de seca ainda de 1968, o Claudio Villas Boas sobrevoou essa aldeia, jogando brindes da aviao. Apos o ataque dos Kayapo e o incidente de Cachimbo, alem da traidicao guerreira do grupo de talvez mais de trezentos anos, os Panara nao se convenceram das intencoes pacificas dos brancos. Foram embora de Sonsenasan, para a aldeia mais proxima, Inkuipo, perto do Peixotinho Primeiro, ainda naquela estacao seca, e plantaram roca novamente. Chegando no Sonsenasan, O Claudio encontrou a aldeia vazia. Pindurou coisas--facoos, panelas, missangas e outras--na aldeia abandonada para atrair os indios e esperou. Nessa altura os eis-residentes de duas aldeias tinham se juntados com o pessoal duma terceira aldeia. No inicio de 1969, o Claudio sobrevoou o Inkuipo. Esperando a roca amadurecer, permaneceram la ate o inicio da proxima chuva (no final de 1969 ou inicio de 1970), quando se deslocaram para Kyaunakye. De la, um grupo voltou para Sonsenasan para pegar os facoos, machados e missangas deixados ai. Os informantes lembram que na epoca nao conheciam panelas e portanto nao os

apanharam. Não esperaram o milho amadurecer (ou seja não passaram nem fevereiro de 1970) no Kiaunakye, e foram para Patsuperi, no Rio Nhandu. Na seca plantaram um número grande de rocas, já que a maioria da população de grupo estava agora concentrado em duas aldeias. Patsuperi, já habitado muito tempo, não mais dispôs de terra suficiente nas vizinhanças para sustentar um número tão grande de pessoas. No verão de 1971, um grupo foi construir uma nova aldeia, Topayuron, no Rio Braco Norte. Nessa altura toda a população anteriormente distribuída em oito aldeias tinha se juntado em três aldeias--Patsuperi no Rio Nhandu, Topayuron no Rio Braco Norte, e Yopuyupaw, para o sul do Peixoto.

Com o avanço da estrada, em 1972, os Villas Boas retomaram a tentativa de fazer contato, essa vez saindo do Cachimbo. Com a aproximação da estrada, já havia a iminência de conflitos. Avioes localizaram a aldeia Topayuron, e os Panara se deslocaram para Yopuyupaw. Com todos os Panara juntos numa só aldeia estorou um epidemia mais provavelmente de influenza, com sintomas de tosse dolorido, catarro, dores pulmonares, e febre. Os Panara chamam esse momento "o tempo quando todo o mundo morreu." Enfatizam que todos ficaram doente. Morreram tantas pessoas que os sobreviventes não foram suficientes, ou não tinham força suficiente para as enterrar, e urubus e jabutis comeram os mortos. Existem relatos de casos de "doença dos brancos" antes desse momento, porém esse foi a primeira incidência em escala grande de epidemias de doenças outrora desconhecidas pelos Panara, problema que, a partir daquele momento virou o maior e mais persistente ameaça a sobrevivência do grupo. No mínimo morreram 63 pessoas no primeiro momento da epidemia.

Claudio Villas, apressado pela abertura iminente da estrada, já localizara a aldeia Topayuron, e se instalou nas redondezas. Quando os Panara resolveram voltar, no final de 1972, talvez tentando fugir a doença, encontraram o Claudio os esperando. Em fevereiro de 1973 os Panara entraram o encampamento do Claudio

Villas Boas no Rio Braco Norte, pouca distancia da aldeia Topayuron. Foram contatdos uns 140 Panara. Em dezembro do mesmo ano, a estrada abriu.

Sucedeu a historia amplamente documentada na imprensa e nos relatorios oficiais da epoca. Os Panara, ate entao arredios do contato, ficaram fascinadas com os trabalhadores na estrada (o 7o BEC), e depois com o transito que veio chegando. Nao existiam meios confiaveis de comunicacao entre a FUNAI e os indios, sendo que nem os Xavantes nem os Kayapo trazidos como interpretes lograram mais do que comunicacoes dos mais primitivos. Os indios frequentavam a estrada, chegando a fazer uma pequena aldeia quase na beira de estrada, a doenca se espalhava para Topayuron e as outras aldeias, e conflitos internos no grupo se agravaram. Ja que a explicacao mais comum do elevado grau de doenca e das mortes foi feticão interno do grupo, a mortalidade por doenca somou-se um numero consideravel de homicidios por acusacao de feticeria. Em 1974 a FUNAI interditou uma area entre a estrada e o Rio Nhandu (deixando fora, portanto, a maioria da area tradicional de ocupacao dos Panara), e chegou a fazer uma nova aldeia mais distante da estrada, Konakoko, com o intuito de deslocar os indios para la. Nao funcioniou. Em 11 de janeiro 1975, os 79 Panara que sobreviveram foram transferidos ao Parque do Xingu em dois Bufalos da FAB.

III. O Xingu

Os Panara chegaram no Xingu famintos, sem nenhuma gravida, todos portadores de malaria e muitos anemicos e infestados de parasitas (Marcopito 1979: 41). O planejamento realizado para recebe-los no Xingu consistiu na plantacao de uma roca de milho e a construcao de uma casa na aldeia dos Kajabis chefiado por Prepuri. Chegaram no posto Diauarum, foram examinados pelo equipe medico da Escola Paulista de Medicina, e subiram para a aldeia do Prepuri. O antropologo Heelas, chegando 28 de fevereiro de 1975 notou, "quase todos estavam sofrendo

ou de malária, ou gripe, ou pneumonia ou de varios desses . . . durante os primeiros dois meses na aldeia nova, morreram cinco, deixando um total de 74 pessoas." (carta de R. Heelas para Olimpico Serra, 13/04/75) No final de marco, como estavam passando fome na aldeia do Prepuri, os autoridades do parque resolveram transferir os Panara para a aldeia Kretike, dos seus antigos inimigos os Kayapo. Embora houvesse mais comida nessa aldeia, a situacao foi extremamente opressiva. A situacao de saude continuou precaria, e varios mulheres se casaram com Kayapo. Apos dificil negociacao, em outubro de 1975, os Panara foram retirados, embora deixando varias mulheres e crianas com os Kayapo. Nesse ponto tinham morrido mais cinco pessoas, ficando 67 Panara. Passaram um mes no posto Diauarum fazendo tratamento medico, e foram para a aldeia Suya, no Rio Suya Missu. Com a saude melhorada, plantaram roca propria, e na clima social marcadamente menos opressiva, passaram a retomar iniciativa propria de modo geral. Surgiram liderancas novas, estimulando o desempenho de cancoes, danças e ritos tradicionais. Na estacao seca de 1975 identificaram o sitio duma aldeia propria, numa antiga aldeia dos Kajabi entre o Suya Missu e o Rio Xingu. No final do ano se mudaram para la.

A fundacao da primeira aldeia propria dos Panara no Xingu foi evidentemente um ponto-chave na trajetoria do grupo--a partir dai comecou um processo de crescimento populacional, de reconstrucao cultural e social, e de adaptacao ativa aos novas circunstancias economicos, ecologicos e sociais que os enfrentavam no Xingu. Entretanto, a sua experiencia no Xingu continua apresentando ameacas ao projeto de independencia cultural e economico assumido pelos Panara, como veremos adiante.

Os Panara cresceram significativamente na nova aldeia. Em setembro de 1980, havia 84 pessoas na populacao total (contando Panara residente com outros grupos), e ate dezembro de 1982, 95. Em agosto de 1992 a populacao total havia atingida

por volta de 135. Enquanto isso, a situação de saúde dos Panara continua precária. A taxa de mortalidade para crianças com menos de 3 anos entre 1976 e 1983 foi de 38%. Surtos de malária, gripe, influenza, coqueluche, e cataporra assolaram o grupo, enquanto vários indivíduos contraíram tuberculose e meningite. Repetidas epidemias em 1982 e 1983 paralisaram o crescimento, e com as mortes de umas cinco pessoas em 1983, os Panara buscaram um novo local, embaixo da estrada BR-080 na margem esquerda do Rio Xingu. Em maio de 1983 se mudaram para lá. Quando a situação de saúde deteriorou novamente em 1989-90, particularmente com a morte do filho de uma liderança importante, se mudaram para a fronteira do Parque no Rio Manitsaua Missu, onde se encontram atualmente. As mudanças são explicadas pelos Panara sempre com referência a situação de saúde, e a morte. Inclusive a mudança da aldeia tradicionalmente, no Peixoto, é explicado nesses termos. Nas mudanças no Xingu, a disponibilidade de terra adequada para agricultura e também citada como motivo.

A transferência para o Xingu resultou também em tensões sociais de difícil resolução. Antes do contato os Panara não mantinham relações pacíficas com nenhum outro grupo. Chegaram no Xingu fisicamente debilitados, desorganizados socialmente e vulneráveis inclusive por motivos demográficos--tinham mais mulheres do que homens. Sofreram, especialmente nos primeiros momentos, grandes pressões para se assimilarem aos outros grupos, muito principalmente os Kayapo, os seus piores inimigos tradicionais. O relato de Heelas, que estava presente na aldeia Kretire com os Panara na época, deixa claro que o chefe Kayapo pretendia que os Panara ficassem "juntos" com os Kayapo, e que só conseguiram sair de lá sob o pretexto de um surto de influenza, e mesmo assim deixando sete adolescentes lá (Heelas 1979: 19). Posteriormente os Panara conseguiram retirar vários desses. Entretanto umas doze pessoas foram incorporados em outros grupos na base permanente. Ao longo dos últimos 16 anos, os Panara se estabeleceram enquanto grupo independente no Xingu. Mesmo assim, a transferência para Xingu

aceitou a perda da sua condicao de autonomia, e os colocou como uma minoria entre uma minoria, politicamente menos importante e menos poderosos do que outras etnias maiores.

É importante ressaltar aqui que no momento mais difícil da sua historia recente, os Panara se encontraram não somente desamparados tecnicamente e debilitados fisicamente, como cercados de pressões dos recentes inimigos de abandonar a sua cultura e formas de organizacao social autoctenas. É particularmente importante entender a dimensao ecologica e economica da transferencia para os Panara. Habitavam antes uma regio de terra firme, com amplas quantidades de terra boa para a agricultura tradicional deles, fartura de caca e de peixe em correjos e igarapés acessiveis sem o uso da canoa, e ainda com grande occorencia de especies de frutas nativas de consideravel peso na alimentacao, tais como a castanha do Para, acai, cacau selvagem, cupuacu, buriti e outras. Foram deslocados para uma area de varzea, onde qualquer transito entre novembro e abril é impossivel sem canoa ou barco, muito menos a pesca. O Xingu ocupa uma area de transicao ecologica entre os cerrados do sul e leste, e a floresta tropical densa e fechada para o norte e oeste. Varias especies de frutas nativas comuns no Peixoto não occorem no Xingu, como a castanha, o acai, cacau selvagem, mamão bravo, cupuacu. A perda so da castanha numa economia baseada na caca, pesca, agricultura e coleta de subsistencia representa um dano duplo e grave. Primeiro por que a castanha é uma fonte de alimentacao de alto valor nutritiva, que produz grandes quantidades de comida (uma arvore produz uma media de 70-85 kilos de sementes da castanha por ano (Pesce 1985: 128), num ponto do ciclo agricola quando a maioria das plantas da roca tradicional não esta produzindo (aproximadamente novembro a janeiro). Segundo, por que a castanha alimenta certas especies da caca (o jabuti, por exemplo) cuja densidade populacional pode ser afetada pela sua ocorrencia ou não. A mesma dinamica prevalece com as outras especies, de tal forma que a constante reclamacao dos Panara da falta de varios

tipos de frutas nativas e da cacá e entendível como um empobrecimento ecológico objetivo. Quadro 1 identifica algumas frutas conhecidas e usadas pelos Panara no Peixoto que inexitem ou ocorrem com bastante menos frequencia no Xingu.

A falta de terra boa para agricultura no Xingu e outro ponto de constante reclamacao dos Panara. Os Panara praticam uma agricultura mais diversificada do que a maioria dos grupos no Xingu. Tradicionalmente plantavam quatro variedades de batata, cinco variedades de cara, seis tipos de banana, amendoim, cinco tipos de milho e dois de mandioca, alem de mangarita, abobora, cabaca, urucu e algodao. Na classificacao deles, so a "terra preta" e apta para cultivar as plantas mais exigentes. De fato o esgotamento de terra adequada a agricultura foi um fator nas ultimas duas mudancas de aldeia dos Panara. A agricultura Panara foi reconstruida vagorosamente, ja que saíram do Peixoto sem nenhuma muda, semente ou raiz. Pelo menos dois tipos da batata doce e dois tipos do cara nao foram recuperados. E perfeitamente possivel, dado a diversidade da agricultura tradicional Panara e o longo tempo de isolamento do grupo que material genético da agricultura tradicional Panara, inexisistente em outro lugar, foi perdido na transferencia. Certo e que o conhecimento Panara do ecossistema do Peixoto de Azevedo--da flora, fauna, e as relacoes ecologicas naturais--constitui um patrimonio de imensa importancia pratica para os Panara, e igual importancia cientifica, patrimonio esse insubstituível em outro lugar.

Quadro 1

Especies de Plantas Comestiveis Presentes no Peixoto de Azevedo e Ausentes ou Infrequentes no Xingu²

². Essa listagem contem somente plantas alimenticas cuja identificacao e segura, e que pela descricao dos informantes foram fontes de maior importancia na alimentacao. Portanto exclue varias especies de indentificao insegura (p.e.,

Pa'su	Castanha do Brasil	Bertholletia excelsa
paya	Acai	Euterpe precatoria
nape	Acai	Euterpe longibracteata (?)
swakonkyan	Cacau	Theobroma cacao
sopoa	Cupuacu	Theobroma grandiflora
kwakriti	Mamao bravo	Carica papaya
Kutinsiperi	Caju	Anacardium occidentale
Inkwa	Buriti	Mauritia vinifera
Sepusarperi	Piqui ³	Caryocar villosum

kwakyan, talvez a pupunha, Bactris gasipaes, sotina, "caja?" ou katarta, ?) bem como especies que parecem ter sido de menos importancia na alimentacao (renta kyan, "murici", pa ka, "api"). Tambem sao excluidas especies que occorem com um certa frequencia no Xingu (p.e., kwatintepi, "inaja", kwatikyan, "tucum", ngroyakyan, "macauba"). Alem disso plantas utilizadas por outros fins a nao ser a alimentacao nao constam, p.e., yantawso, ?, utilizada para fabricar arcosou taunsiperi, ?, para fabricacao de bordunas. A listagem de quadro 1 representa de forma extremamente truncada o numero de especies comuns, e utilizadas pelos Panara no Peixoto que inexistem ou sao infrequentes no Xingu. So na categoria de especies frutiferas constam dez especies nao mencionados aqui mas conhecidas aos Panara que nem o nome no portugues e conhecido.

³. O piqui, ou piquia de fato existe em grandes numeros no alto Xingu, onde e inclusive plantado pelos tradicionais alto-xinguanos. Na area no norte do PIX onde os Panara e muito menos comun, e os Panara nao costumam planta-lo.